

Memórias do sol

Memories of the sun

Solange Alves Santana

Mestre em Ciência da Informação pela USP

Resumo: Fecho os olhos e vejo o sol. Não o sol em si, mas a memória que trago do sol. Que memória é essa? O que é memória? Dizem que memória seria a capacidade mental de codificar, armazenar e recuperar informações. Dizem também que é aquilo que nos permite guardar, em nosso ser, nossas experiências. Memórias seriam ainda construções ou vestígios do passado que permanecem vivos no indivíduo ou no grupo social. Muitas são as definições para memória e diante de cada uma delas, eu sempre reencontro o sol.

Palavras-chave: Poemas-negra. Poesia brasileira. Poesia contemporânea.

Resumo: I close my eyes and I see the sun. Not the sun itself, but my memory of the sun. What memory is this? What is memory? They say that memory would be the mental ability to encode, store and retrieve information. They also say that it is what allows us to keep our experiences in our being. Memories would be constructions or traces of the past that remain alive in the individual or in the social group. There are many definitions of memory and in each one of them I find the sun.

Keywords: Black poetry. Brazilian poetry. Contemporary poetry.



Memórias do sol

Fechei os olhos.
Vi o sol nascer
lá no horizonte
distante.

O tempo todo, eu estive aqui
esperando por ele
atrás do vidro manchado
não sei se por lágrimas
suor ou sangue.

Ao vê-lo
radiante
um raio cortante
abriu meus olhos
- já não me lembro se algum dia estiveram realmente abertos.

A luz penetrante do sol
em meus olhos
revelou outras manchas
muitas manchas
que sempre estiveram
diante de mim
ainda sem nome.

Silenciosamente presas ao vidro
elas, as manchas, assim como eu,
também ansiavam pelo sol.

Há aqui ainda um grito

Terra vermelha
a escorrer pelas fatigadas veias
do punho ainda erguido
em meio aos ossos
dos amigos desconhecidos.

Há, aqui,
ainda um grito
a ser ouvido.

Não restará o silêncio.

Caberá ao vento
soprar a palavra
dizer o não dito
acender o sol
e insuflar o manifesto
que outrora ardeu
no peito nu
do réu forçadamente confesso.

Relicário

O tempo me atravessou.
Cortou-me a carne feito navalha.

Em nome da fé alheia
sangrei
na alva mortalha.

Fui perseguida
amarrada amordaçada açoitada apedrejada.
Na mortal fogueira,
queimada.

Fui presa
a uma pesada cruz
que nunca foi minha.

Gritaram-me:
bruxa louca pecadora
feiticeira macumbeira impura
imoral.

Mas resisti ao tempo
E a ele gritei:
- Não quero ser a sua santa!
Nem sua virgem sepulcral!

- Sou relicário
feminino
que traz na carne
- ainda que ferida -
mistérios da vida.

Desparto

A mãe recolhe
o corpo de seu filho
da lama.

É a lama.
É a lama.

De seus olhos
escorrem lágrimas
que se misturam
ao sangue
do cordão umbilical
rompido a bala.

É a bala.
É a bala.

Em seu peito materno
arde
a dor
do desparto.

É o fim do caminho.

Já não há
promessa de vida
em seu coração.

Raízes

Uma criança caminha.

Em suas negras mãos
carrega uma semente
negra.

Semente negra
para ser semeada
como se semeia a lua
como se semeia o sol.

É na terra vermelha
que a semente negra
cai
floresce
e renasce.

Renasce a semente
dos que deram voltas
ao redor dos baobás
dos que se jogaram ao mar
dos que sobreviveram à salgada travessia
dos que marcaram com suor o chão das lavouras
e com sangue o tronco.

Renasce a semente
dos que protegeram suas crias junto ao peito
dos que tiveram as crias arrancadas dos braços
dos que tiveram os gritos abafados
e os cantos silenciados.

Renasce a semente
dos que foram calados por amargas balas
dos esquecidos nos quartos de despejo
dos injustiçados,
arrastados pelas ruas.

Renasce a semente
dos que fazem existência resistência.

Eis que, repentinamente,

a criança para.
Suas negras mãos estão envelhecidas
- Já não é uma criança
e a negra semente
se fez
raiz.

Me recuso a ser capitão do mato

Sete horas da manhã.
Entro na sala e sou cercado
por olhares disfarçados
de admiração
e por todos os parabéns possíveis.

Olho o celular e vejo a notificação:

Informamos a Vossa Senhoria
que, a partir desta data, ocupará o cargo de Capitão do Mato.
Compareça ao Setor de Recursos Humanos da empresa para
assinar sua promoção.
Por gentileza, confirme o recebimento da mensagem.

Não confirmei.

Compareci ao Setor de Recursos Humanos para informar:

Caros senhores,
Ainda que me açoitaram,
eu me recuso solenemente a ser capitão do mato.

Especulações sobre a liberdade

Uma vez me disseram
que a liberdade
estava logo ali,
depois da esquina,
virando à esquerda
na próxima rua.

Sem olhar para trás
segui o caminho.

Mas
a liberdade
não estava lá como eu esperava
de braços abertos
sorridente
tomando sorvete de chocolate e postando no *Insta*
à minha espera.

Olhei à minha volta
para ver se a liberdade não estava à espreita
atrás de algum poste caído
brincando de esconde-esconde.

Talvez a liberdade seja brincalhona.

Ou talvez a liberdade esteja tirando um cochilo
atrás de algum muro envelhecido.

Quem sabe a liberdade esteja simplesmente cansada.

Pode ser
que a liberdade tenha ido dar uma volta.
Ficou entediada de tanto esperar pelas pessoas.

Ou será que a liberdade
pegou um *busão* lotado na central
e foi embora de vez?

Se foi embora,
para onde terá ido a liberdade?

Poema passageiro

Eu queria ter essa paz
de quem recosta a cabeça
na janela do ônibus e dorme.

- Não é paz. É sono.
Diz a mulher de uniforme.

- Não é sono. É cansaço.
Diz o homem ao celular.

- Não é sono. Tampouco cansaço.
É desesperança.

Diz a vida a contragosto.

Um pequeno trem para as Minas Gerais

Preso ao cinza do concreto
das paredes do quarto-escritório
sem sol
encontrei esquecidos
entre as páginas de um livro
de Lélia Gonzalez
uma aquarela de uma xícara amarela
um rascunho de um manifesto que jamais concluí
e o desejo
concretizado em um bilhete
de um pequeno trem para as Minas Gerais.

Carne moída

Lá no alto
a pino
o sol é a única testemunha
dessa carne moída
que carrega nas costas
vida
crua
sem tempero
e em busca de sentido.

Era tudo rio

O rio transbordou.

O rio não entendeu
que aqui não era rio.

Mas para o rio,
tudo é rio.

Em busca do sol

Todos os dias
eu me levanto
e vou em busca do sol.

As mãos enrugadas se contorcem
e mal dormem.
As preocupações
não se calam
mas ainda assim
teimo
e vou em busca do sol.

Ainda que nuvens cinzas
a bala perdida
o ônibus lotado
o pão escasso
o café amargo
me neguem o direito
resisto
e vou em busca do sol.

Ainda que a conta atrasada
a encosta arrasada
a cova rasa
o botijão vazio
o beco escuro
arranquem o sorriso
persisto
e vou em busca do sol.

Ainda que o córrego sujo
o sapato furado
a panela raspada
a torneira sem água
a criança na calçada
rasguem os caminhos
vivo
e vou em busca do sol.

- Mas que sol eu busco?

- Não sei.

Talvez um sol
que não seja o fim do caminho.

Por isso, às esperanças me agarro
e sigo.

- Vou em busca do sol.

Sobre a autora

Solange Alves Santana  

Graduada em Letras e em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciência da Informação pela USP. É produtora editorial e professora de um curso de pré-vestibular comunitário. Organizou a antologia literária *Passos Andantes* (2010) pela CBJE e publicou os livros de poemas: *O chão em que piso* (2017) pela CBJE, *Quarentenas* (2020) e *Nós: poemas* (2022), ambos pela Umojas.

Email: solangebiblio@gmail.com